

DIRECTOR: Augusto de Santa-Rita

ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SEculo

N.º 695

O GIGANTE ARRANHA-CEUS

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

LEITORES, o «Pim-Pam-Pum» aos mil amiguinhos seus, sem excepção de nenhum, hoje apresenta-vos um novo amiguinho, chamado o Gigante Arranha-Céus, que tem um grande passado cheio de mil peripécias. Os seus feitos e facécias por certo vão causar brado.

Nasceu, em certa manhã, numa selva dos sertões, como o célebre Tarzan



entre os tigres, os leões, os elefantes, panteras e tôdas as outras feras de que os trópicos são fartos,

entre cobras e lagartos, gorilas e macaquinhos. Nunca seus pais conheceu e menos seus avózinhos;

sabe, apenas, que nasceu, que se criou e cresceu escutando os passarinhos que esvoaçavam no céu.

(Continua na pagina 2)

ESPERTEZA de D. RATINHO

POR
FELIZ VENTURA

D. Ratinho
pequenininho,
muito vivo e engraçado,
nessa manhã,
com afa,
calçou luvas, apressado,
envergou sobrecasaca,
as calças melhores que tinha
e gravata a reluzir,
pois sua amada Ratinha
aos pais iria pedir.

Enfeitou-se com primor,
para que o seu lindo amor
não tivesse que dizer.

E, depois de preparado,
tic, tac, sem demora,
rua fóra,
caminhou.

Chega à porta: — *trús, trús, trús,*
— «Quem bateria?»
Ai, Jesus?

Quem será esta visita?»
— diz a linda criadita,

enquanto, de par em par,
a porta da rua abria.

Mas, ao ver assim D. Rato
todo cheio de aparato,
manda-o para a sala entrar,
pois a família da casa
há muito já que pensava:
— «Como se faz demorar!»

Combinou-se o casamento,
houve brindes de espavento
para o acto celebrar,
e até a rata Constança,
a rainha da festança...
muitos parabens foi dar.

Chega, enfim, o grande dia...
Na despensa a rataria
fez um estrago colossal,
pois queriam ter noivado
por muito tempo lembrado.

Mas achando muito pouco
o que lhe tinham trazido,

para a festa celebrar,
tic, tic, vai, então,
aos saltinhos D. Ratão
também na despensa entrar,

Logo lhe recomendaram
que tivesse precaução,
pois D. Gato
era guloso
e achava delicioso
uma canjinha de rato.
Mesmo assim, com tantos p'rigos,
o nosso herói caminhou
e na famosa despensa
sua atenção concentrou.

Mas ao voltar, satisfeito,
— pois tinha o que pretendia —
Entra D. Gato Gatão
que lhe diz num riso: — «Então,
vem só? Não traz companhia?»
Faz mal, pois sempre eu teria
com que matar
mais o tempo.»

(Continua na página 7)

Um dia fugiu da selva
e pôs-se a correr sem tréguas,
pisando prados de relva,
léguas e léguas e léguas,
até alcançar um pôrto
onde chegou quasi morto
e onde, entre cavalos, éguas,
e outras bestinhas de carga
como bois à vara larga,
alguns homens e moçoilas,
com grandes chapéus de palha
enfeitados com papoilas,
no meio de grande tralha,
requisitavam bilhete
para embarcar num paquete

e que, ao verem-no, com pasmo
ante a sua corpulência,
saudaram tal ocorrência
com notório entusiasmo.

Perante a sua fadiga
e o manifesto cansaço,
surgiu logo mão amiga
que, pegando-lhe num braço,
e pagando-lhe o bilhete,
o fez entrar no paquete,
como era do seu desejo,
proporcionando-lhe o ensejo
de ver um mundo diverso
daquele que conhecia,

e onde éle vivera imerso
em funda melancolia,
tendo somente por berço
as fôlhas da ramaria.

Chegado, passado um mês,
a certo cais europeu,
um lindo porto francês,
comprou um grande chapéu
e um fato de talhe inglês.

Apresentou-se na pista
dum colossal Coliseu
como notável artista.
Fez tal sucesso que em breve
ficou rico. Percorreu
terras de sol e de neve,
o mundo todo, encantado...

E, ao chegar a Portugal,
o seu primeiro cuidado
foi vir ao nosso jornal,
prometendo a cada um
dos leitores pequeninos,
através do «Pim-Pam-Pum»,
contar-lhes lindas histórias,
a sua vida à aventura.

Preparem-se, pois, meninos,
para a agradável leitura
dos lindos artigos seus,
intitulados: — MEMÓRIAS
DO GIGANTE ARRANHA-CEUS.



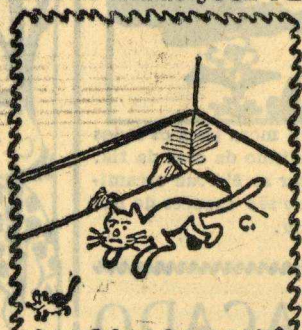
O NOSSO CONCURSO: — TEMAS À PROVA

DESENHOS PREMIADOS ALEGÓRICOS AO TEMA

O RATINHO AVENTUREIRO



Desenhos do menino JOSÉ FELIX



Desenhos do menino CARLOS FREDERICO CALVET DA COSTA

TÃO formidável foi o sucesso alcançado pelo nosso concurso *Temas à prova* que o Júri se viu seriamente embaraçado na classificação dos contos e desenhos que afluíram à nossa redacção em cartas aos montões. Depois duma metuciosa escolha, separadas as melhores produções, entendeu de justiça premiar dois contos, um dos quais publicamos hoje e o outro da menina Maria de Jesus Simões Barroso que será publicado no próximo número e as duas séries de desenhos que hoje publicamos, reservando para o próximo número a enunciação numérica das respectivas menções honrosas.

OS NOSSOS CONCURSOS

Encontra o rima; e fixa os conceitos

Por absoluta falta de espaço só no próximo número poderemos publicar a lista completa dos concorrentes que obtiveram menção honrosa neste concurso.

HISTÓRIA DA MENINA INFELIZ E DO SEU CÃO FELIZARDO POR MARIA DOS MILAGRES

FOLHETIM INFANTIL DO «PIM-PAM-PUM»

ERA uma menina pequenina, chamada Joaquinha, que tinha um cão chamado «Felizardo». Joaquinha era muito infeliz porque

não tinha pai nem mãe, nem manos, nem primos. Só tinha madrasta. Esta era má até mais não poder ser e embirrava imenso com a Joaquinha. Embirrava também com o «Felizardo» porque ele era amigo da enteada e sempre que podia batia-lhe com um pau.

O «Felizardo» não a podia ver também. De vez em quando vingava-se dos maus tratos, roubando comida que a má mulher guardava para si — sempre bons bocados que a pobre Joaquinha só via de longe.

Claro, o que o «Felizardo» fazia não era bonito mas, como se tratava de arrelviar uma pessoa muito má e, como, além disso, o «Felizardo» era cão... devemos desculpá-lo.

Joaquinha e «Felizardo» eram os melhores amigos deste mundo. Quando Joaquinha apanhava pancada da madrasta, o que acontecia a miúdo, vinha logo «Felizardo» deitar-lhe a cabeça no colo, a lambe-lhe as mãos e a fitá-la com os seus olhos tão leais. Quando «Felizardo» levava com o pau, era Joaquinha quem lhe fazia festas e o consolava.

Joaquinha dormia na cozinha em cima dum monte de trapos, a um canto escuro, sob uma cortina de teias de aranha e «Felizardo» ficava a seu lado, coberto com a mesma manta esburacada. O que um comia, comia o outro; os pesares dum eram partilhados pelo outro.

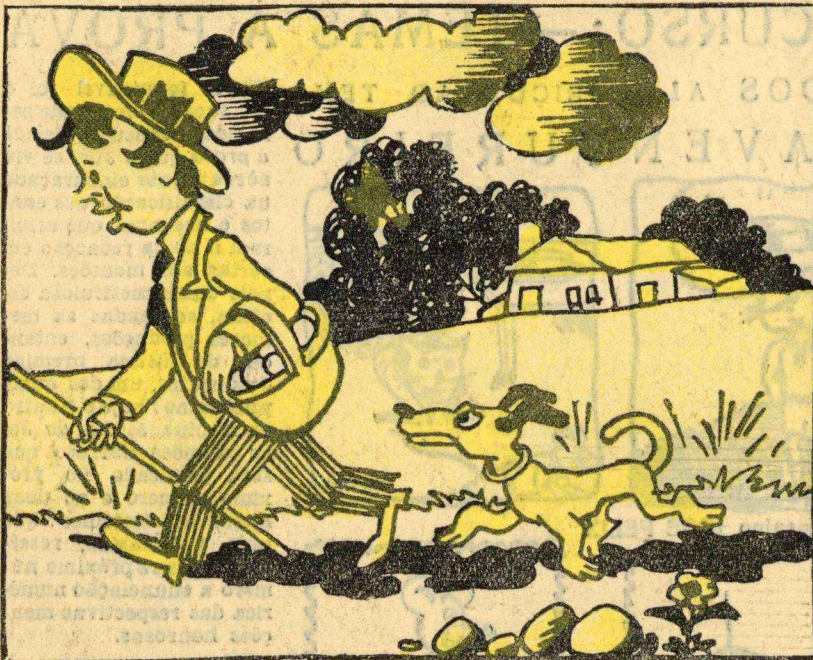
Quando Joaquinha já completara 9 anos, a madrasta tornou a casar e mandou-a embora de casa, dizendo que não tinha obrigação de a sustentar e que estava farta de a aturar.



ARCINHO

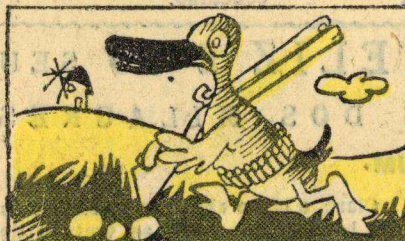
(Continua na página 6)

PARA PENSAR

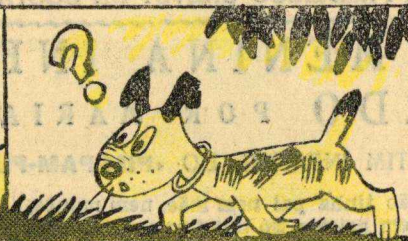


Este menino foi encarregado, pela Mãe, de levar a tia, que mora para os lados do Poente, notem bem, um cesto com maçãs. El-lo, pois, a caminho da casa da tia. Os nossos amiguinhos mais inteligentes, serão capazes de dizer se ele faz a caminhada à tarde ou de manhã?... Pensem um pouco e verão que são capazes de nos informar com acerto mas dizendo-nos a razão porque o afirmam.

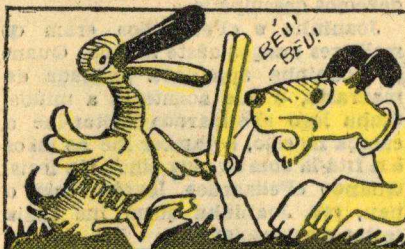
UM CAÇADOR BEM CAÇADO



I — O patinho Cuá-Cuá-Cuá num êrmo caçando está...



II — Mas, nisto, aparece um cão que, ao vê-lo, ladra: — «Ao-ão-ão!»



III — O patinho, atrapalhado, desata logo a fugir...



IV — E o cão: — «Ao-ão!...» fica a rir do caçador bem caçado.

PENSAMENTOS

Aquele que honra seus Pais, achará alegria nos filhos.

Pelas obras e não pelo vestido, é o homem conhecido.

A paciência abranda a dor,

A paciência é a chave de tôdas as portas e o remédio de todos os males.

OUTRA CHARADA

O MENINO,
A BOLA e a
BARRICA

A brincar com sua bola, andava um certo menino que regressava da Escola.

Mas, nisto, com pouco tino, atira-a... Ela rebola... Entretanto, a mafarrica, — (róla que róla que róla...) — tomba dentro da barrica.



Fica-se o menino a olhar, sem saber como a tirar; pois a barrica é mais alta que o menino. Faz-lhe falta a bola para brincar.

Contudo, se fôsse esperto procedia com acerto e descobria a maneira de fazer com que, ligeira, a sua adorada bola viesse parar-lhe á mão.



Meus amiguinhos, eu peço, se teem tino na tóla e se inteligentes são, que nos digam o processo do tal menino travêso conseguir tirar a bola.



Na próxima Quinta-feira aqui direi a maneira.

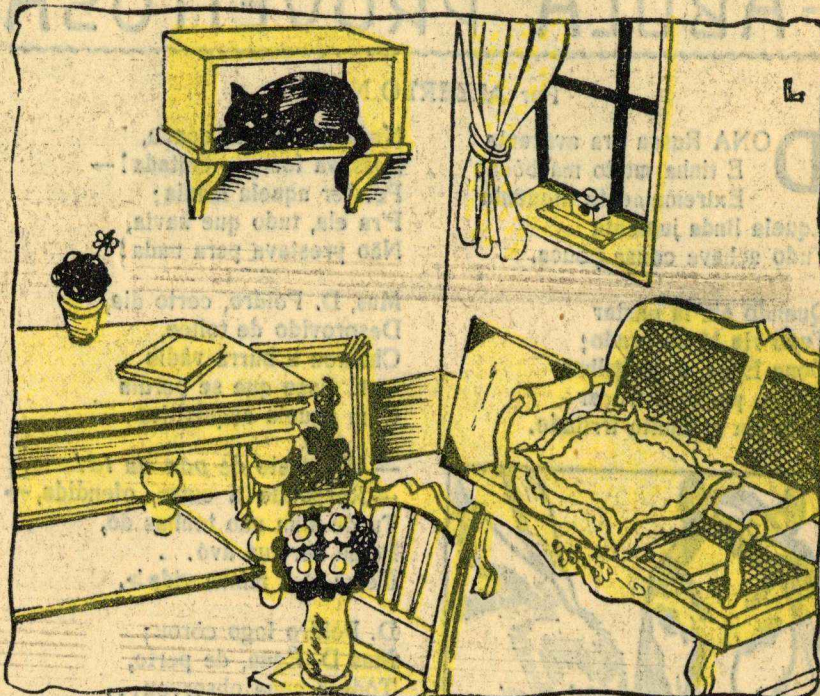
SOLUÇÃO DA CHARADA

A RAPOSA
E AS UVAS

O segredo da raposa, que é sempre astuta e manhosa, consistiu, como estão vendo neste desenho estupendo, no ajuste dela trepar pelo pescoço esgalgado e com os dentes cortar o cacho tão cubicado.



ARRUMEMOS A CASA



Como os nossos amiguinhos estão vendo, no desenho acima, está tudo desarrumado nesta sala. Aqueles que apreciam a ordem e que são cuidadosos, pedimos que nos indiquem qual o lugar adequado à jarra das flores, à pasta, ao vasilho, ao quadro, ao gato, etc.. No próximo número publicaremos um desenho representando a casa já arrumada.

O PINTAÍNH O «FADISTA»

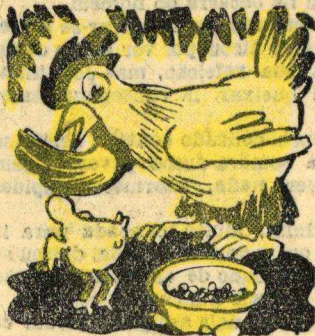
Pela Menina MARIA EMILIA V. LOPES, de 14 anos PREMIADA NO CONCURSO DE TEMAS Á PROVA

O pintaíno «Fadista»,
Vaidoso da sua voz,
Não qu'ria viver ali,
Na terra de seus avós.

D. Galinha ralhava
Mas o pinto achava atroz
Viver ali, tôda a vida,
Na terra de seus avós...

Cantando alegre canção,
Vaidoso da sua voz,
Pintaíno foi-se embora
Da terra de seus avós.

Levava um saco com roupa
Prêso a um pau por dois nós,



Que sua mãe encontrara
Na terra de seus avós.

— «Adeus, ó êrmos lugares,
Ó terras tristes e sós...
Vou procurar novos mundos,
Ó terras de meus avós!...

Vou a caminho da glória,
O prêmio da minha voz,
Não te tornarei a ver
Ó terras de meus avós!»

D. Raposa, matreira,
Lambendo os beiços, feroz,
Esp'rava o pinto que vinha
Da terra de seus avós.

Ao vê-lo passar, pertinho,
Pensou, ouvindo-lhe a voz:
— «Não mais verás, certamente,
A terra dos teus avós.»

Saltou-lhe em cima, mansinha,
Mas surge, com ar de algoz,
O cão que guardava a quinta,
As terras de seus avós.

D. Raposa fugiu
Com medo do cão feroz,
E o pintaíno voltou
P'rás terras de seus avós...



FABULA PROVEITOSA

Por ALBERTO NEVES

DONA Russa era avarenta
E tinha muito má bôca:
Extremamente niquenta
Aquela linda jumenta
Tudo achava cousa pouca.

Quando ela ia pastar
Tudo ria lá no prado;
Dona Égua, a gargalhar,
Até se punha a troçar
Com um ar muito irritado.



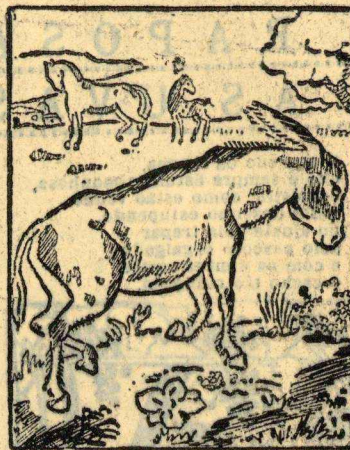
Nada a jumenta comia,
Passava fome — coitada! —
Por ter aquela mania;
Pra ela, tudo que havia,
Não prestava para nada!

Mas, D. Poldro, certo dia,
Desprovido de tolice,
Chamou a burra vãdia
— E disse que se perdia
Com aquela esquisitice...

— «Só gosto de pão de ló!»
— Responde a outra, ofendida, —
Tu de mim não tenhas dó,
Podia ser tua avó...
Deixa lá a minha vida!»

D. Poldro logo còrou;
Mas D. Égua, de perto,
Tôda a cena observou...
E disse consigo: — «Vou
Defender aquele esperto!»

E à burra falou assim:
— «Vou-te dar uma lição,
Olha bem cá para mim:
Eu deduzo que, no fim,
D. Poldro é que tem razão!»



...Pois que deves comer palha,
De tudo deves comer!
Não sejas tola, trabalha,
Que esta vida apenas calha
A quem a sabe viver!»

Curvou-se a outra, Chorou,
Ficou muito envergonhada,
E o seu feitio emendou:
A lição aproveitou;
E hoje já é respeitada.

.....
Meus meninos, ouçam bem:
(Que esta fábula podia
Ser uma história, também)
— Quem é niquento não tem
Nesta vida nenhum bem.

A MENINA INFELIZ e o seu CÃO FELIZARDO

(Continuado da página 3)

Joaninha, então, agarrou num saquito onde guardava a sua reduzida roupita e, acompanhada pelo fiel «Felizardo», deixou a casa da madrastra sem saudades e pôs-se a andar ao acaso.

Foi andando, andando, até que, já muito cansada, chegou à entrada dum bosque denso e escuro. Sentou-se no chão e, encostando-se ao «Felizardo», adormeceu depressa.

Quando acordou era manhã alta e os passarinhos cantavam alegremente nas árvores, ao iniciarem a sua faina diária.

Joaninha sentiu fome e pensou que «Felizardo» também havia de tê-la. Começou, então, à procura de qualquer coisa que se pudesse comer.

Encontrou, por fim, um medronheiro com alguns frutos maduros e lá conseguiu apanhar bastantes. Deitou-os no lenço e continuou a procurar. Achou ainda um pinheiro manso muito alto e apanhou os pinhões que se espalhavam pelo chão. Partiu-lhes a casca, juntou-os todos aos medronhos e foi-se sentar à sombra dum castanheiro, muito contente por ir matar a fome ao «Felizardo» e a sua também.

Quando ia começar a comer, viu, de

súbito, na sua frente, um homem muito mal vestido, com umas grandes barbas e uma face linda.



— «Que tem o senhor que está tão pálido?» — perguntou a pequenita. «Felizardo», porque ficasse descon-

tente por ter a sua dona interrompido o gesto de lhe chegar à bôca uma grande mão cheia de pinhões, ou porque não lhe tivesse agradado a cara do homem, começou a ladrar furiosamente, só se calando quando Joaninha se zangou com êle.

— «Morro de fome...» — balbuciou o recém-vindo.

— Logo Joaninha lhe estendeu o lenço com os medronhos e pinhões que êle agarrou às mãos cheias.

E antes que a pequena pudesse fazer qualquer movimento, todos os pinhões e todos os medronhos desapareceram na bocarra do homem.

O «Felizardo» quis atirar-se a êle, tão furioso ficou por ver assim devorada a sua refeição, mas Joaninha, sem se queixar, lá conseguiu sossegá-lo.

O pouco delicado conviã deitou-se então à sombra duma árvore e, sem agradecer nada, adormeceu rapidamente.

Joaninha, muito cansada para ir buscar outra dose de comida, deitou-se também ao lado de «Felizardo» e não tardou em cair num sono profundo.

Quando os dois amigos abriram os olhos o homem tinha desaparecido e com êle o saquito da pouca roupa de



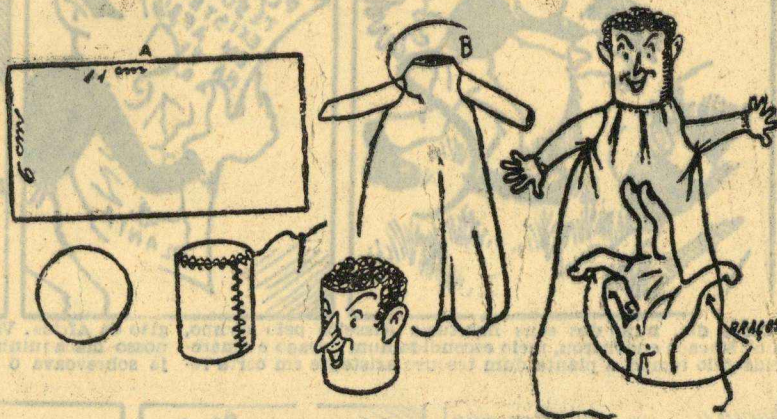
COMO SE FAZEM OS FANTOCHES

Comecemos, primeiro, pela cabeça. Recortem em cartão, muito grosso, um retângulo das dimensões representadas em A. Enrolem-no em cilindro e cosam-no (não cólem). Uma pequena circunferência cosida por cima fará a tampa. Desenhem-lhe as feições; podem até colar-lhe um nariz, umas orelhas, e pôr-lhe algodão na cabeça. A habilidade de cada um fará o resto. Peçam depois às vossas mamães que façam o fato ao fantoche pelo modelo (B), Cosam-lhe, a seguir, a cabeça, e eis pronto o boneco.

O modo de enfiar as mãos e de fazê-lo mexer, está expresso em (E). É claro que para representar uma peça são necessários vários bonecos.

No próximo número:

A ARMAÇÃO PARA O TEATRO DOS FANTOCHES.



Joaninha. A pequena ficou triste, ao princípio, com aquela ingratidão mas, como era muito boazinha, depressa se consolou ao pensar que decerto o homem teria tirado o seu saco para levar a roupa a alguma filha que não tivesse que vestir.

Já era noite e fazia muito frio. Joaninha, sem ter nada para se abrigar, chela de fome, sem saber para onde ir, lá se meteu novamente ao caminho, apelada no seu fiel «Felizardo».

Depois de muito andarem, quando começava a romper a manhã, chegaram à entrada duma caverna quasi tapada de silvas. Joaninha apanhou amoras e comeu até matar a fome, no que foi imitada por «Felizardo».

Quando se iam pôr de novo a andar, ouviram uns gemidos longínquos e sinistros. Não se tratava de voz humana, antes da queixa de um animal e tão aflitiva, tão pungente, que Joaninha começou logo à procura de quem a soltava e «Felizardo» iniciou um ladrar furioso, tratando ao mesmo tempo de puxar a dona para longe dali. Mas esta zangou-se com êle, dizendo que se alguém estava em perigo, tinham que o socorrer.

Os gemidos ouviam-se mais fortes e então Joaninha percebeu que eles vinham de dentro da caverna. Sem hesitar, meteu-se por ali dentro e começou a caminhar através duma galeria, não se importando com a negridão nem com a dureza do solo, cheio

de buracos e pedras agudas. Havia silvas pelas paredes e a pobre Joaninha magoava-se muito, mas seguia o seu caminho sem se importar, guiada pelos gritos que já se ouviam perto.

Por fim, com os pés em sangue, a cara e as mãos arranhadas, chegou Joaninha a uma outra caverna que a luz do dia mal iluminava, vinda através de estreitas fendas.

Estava ali um grande lóbo, deitado no chão, e era êle que soltava aqueles ulvos de dôr.

Joaninha aproximou-se dêle sem medo e logo viu uma grande ferida no lombo do animal, por onde saía sangue em abundância. Devia ter sido causada pelo raspar da bala dalgum caçador.

Joaninha saiu a correr por uma das aberturas e voltou, dali a pouco, com várias plantas que ela conhecia como medicinais e uma pouca de água fresca na corola duma flôr.

Fez, então, compressas com as ervas, lavou muito bem a ferida e applicou-lhe em cima o improvisado remédio. O lóbo deixou-se tratar, sem fazer um movimento e Joaninha cuidou dêle com todo o cuidado.

Durante todo o dia e tôda a noite, a pequenita ali esteve sempre a mudar as compressas de ervas frescas e a lavar a ferida com água pura do regato.

Na manhã seguinte, o lóbo estava quasi curado de todo e já sem febre nenhuma.

(Continua)

ESPERTEZA de D. RATINHO

(Continuado da pág. 3)

O que em linguagem de gato, quere dizer: — «Num momento vais servir-me de jantar.»

Lacrimoso, o D. Rato diz choroso:

— «Senhor Gato, tenha de mim «compaixão.» Mas, entretanto, lá ia recuando — quem diria! — do buraco em direcção.

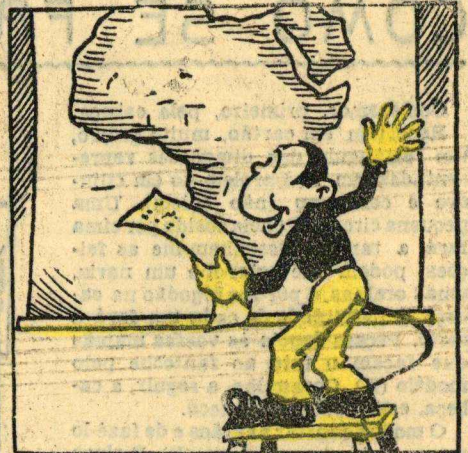
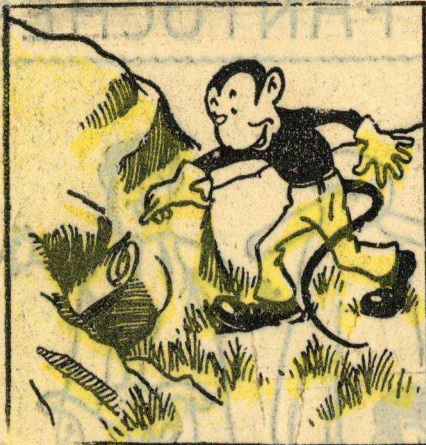
E quando o gato, num salto, o ia para apanhar, o Rato, numa corrida, safou-se com tal presteza que o gato ficou zangado por se ver assim privado de comer a rica presa.

E o Rato, todo contente, entre os seus folgava e ria... — «Esperteza é mais que força...» já minha avó me dizia.

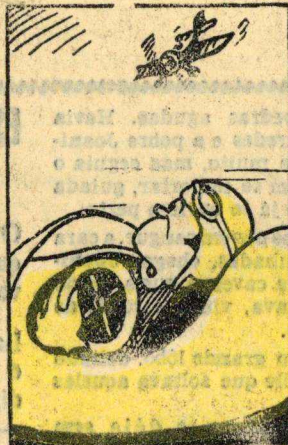
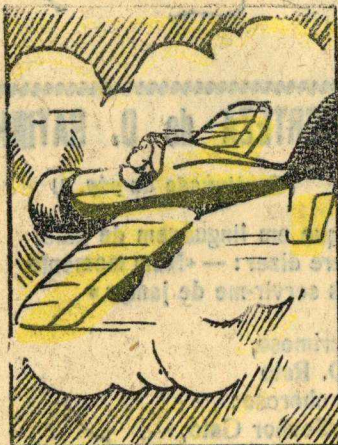
F I M

GRANDES AVENTURAS

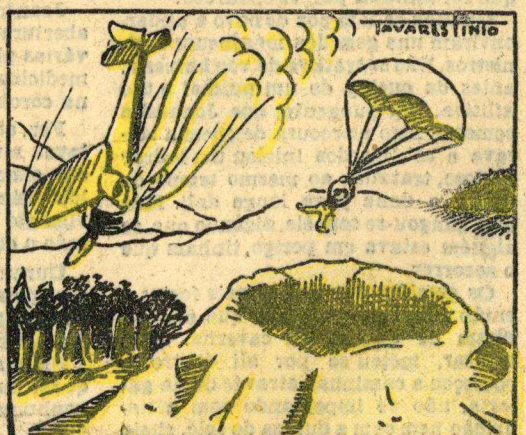
DE CHICO MACACO EM AFRICA



Certo dia, num dos seus habituais passeios pelo campo, Chico Macaco encontrou, meio escondida num buraco e amarelada pelo tempo, a planta dum tesouro existente em certa região da Africa. Verificando no mapa o local com exactidão, o nosso macaquinho toma um avião e para lá se dirige. Quando já sobrevoava o sítio indicado na planta, surge no céu outro



avião tripulado por um bandido da pior espécie, que também procurava o tesouro e que, sem mais aquelas, se pôs a metralhar o nos-o herói. Este, a-pesar de se defender valentemente, viu, den ro em rouco, o seu avião todo envolvido pelas chamas. Corajosamente, atirou-se do pára-queidas, mas, — horror dos horrores! — sob os seus pés abria-se a cratera de um vulcão...



Cairá lá dentro o nosso herói? Não deixem de ler a...

(Continuação no próximo número).